

## **Reflexologia Portátil**

### **A diva de Keynes**

Quando se convoca Keynes, o seu pensamento económico sobrepõe-se a qualquer outra consideração. Mas John Maynard Keynes caracteriza-se para lá da vulgata histórica. Como estudante do King's College, na Cambridge do início do século XX, fazia parte de uma sociedade “secreta” de tertúlia, os Apostles (a mesma de Bertrand Russell e a mesma que nos anos 50 albergou entre outros Guy Burgess e Kim Philby, ingleses que passaram informação privilegiada à União Soviética e que protagonizaram um dos mais conhecidos episódios da Guerra Fria). Também Leonard Woolf fazia parte do grupo à mesma data. Os dois, entre outros, voltam a encontrar-se em Londres no Bloomsbury Group, onde para além de Leonard, também estava Virginia Woolf.

O Grupo foi considerado, nas suas várias versões, um modo de vida, onde se ligavam amigos, pensamentos, sentido estético, amores, prazeres, brincadeiras. Consta que os membros do Grupo só com dificuldade acederam à entrada de Lydia Lopokova, pela mão de Keynes. Keynes, cujas preferências homossexuais da juventude eram conhecidas, apaixonou-se por Lydia quando a vê em Londres a interpretar a Princesa Aurora no bailado *A Bela Adormecida*, de Tchaikovsky (em versão de Dhiagilev, Ballets Russes, 1921). A Lopokova de São Peteresburgo, meio escocesa do lado materno, de agitada vida amorosa em vários continentes, casa com Keynes em 1925. As obras económicas mais importantes de Keynes - *Tratado sobre a Moeda*, de 1930 e a *Teoria Geral do Emprego, Juros e Moeda* de 1936 são publicadas na sequência da seu casamento com Lydia (não esquecendo *As consequências económicas da Paz*, de 1919, onde alerta para os riscos envolvidos no modo como os países europeus estavam a tratar as reparações de guerra devidas pela Alemanha na sequência da I Grande Guerra e que Tony Judt comenta corresponder não só a um dos problemas críticos que conduzem à II Grande Guerra como à solidez da economia alemã face à fragilidade de outras economias europeias e *Um Tratado a propósito da Teoria da Probabilidade*, publicado em 1921). Entretanto, Lydia e Keynes fundam, nos anos 30, o Cambridge Arts Theatre, colecionam obras de arte (entre outras, de Degas, Picasso e Modigliani) e, com a apoio de Lydia, Keynes é, durante a II Grande Guerra, o segundo presidente do Council for the Encouragement of Music and the Arts (CEMA), o antecessor do Arts Council of Great Britain, do qual devia ter sido o primeiro presidente, não tivesse falecido meses antes da sua formalização, em 1946. Lydia leva uma vida retirada depois da morte do marido e falece bem mais tarde, em 1981.

Vem este relato lembrar a vinculação possível dos afetos e do pensamento em domínios aparentemente distantes como a teoria macro-económica, o suporte à música e às artes visuais e a vida de todos os dias.

Numa altura em que a discussão pública sobre as opções keynesianas ou monetaristas continua viva ou talvez mais viva do que nunca (muito provavelmente, a solução está alhures, já não neste duelo), lembro a diva de Keynes para colocar a complexidade de uma biografia concreta ao serviço da complexidade da nossa biografia coletiva.

Nenhum elemento do quadro da história, mesmo aquele que parece desprezível, deve ser ignorado na procura da compreensão do eu e dos outros. É o poder da procura desta totalidade que eleva o caminho à condição de vida, não deixando que o contrário aconteça – tornar a vida um carreiro descendente.